Melhora o desempenho do trigo

A cada ano, o plantio do trigo diminui mais um pouco. Pelo menos agora não haverá o grande recuo que se esperava no fim da safra passada. O resultado, é claro, serão importações ainda maiores.

O plantio está confirmando as avaliações das áreas técnicas ligadas à agricultura, como as do CNPTrigo, da Embrapa, e do Deral, da Secretaria da Agricultura do Paraná, de que não haveria um recuo tão acentuado da semeadura, como se chegou a imaginar, há alguns meses.

As razões para a melhoria do desempenho — pode-se falar assim — são as seguintes:

1. O agricultor conseguiu vender seu produto. Não muito bem, mas pelo menos conseguiu, e supunha-se que a comercialização, que foi lenta e confusa, poderia ter sido pior.

2. O PEP vai continuar e é uma opção ainda viável para manter a permanência na atividade.

3. Houve boa capitalização dos produtores rurais, em função da venda da soja, beneficiada pela desgravação do ICMS nas exportações. Este último fator vem promovendo um fenômeno interessante, de valorização do produto agrícola (soja em grão), que passou a ser mais disputado (ver *Agroanalysis*, *17*(6), jun. 1997). Os sojicultores freqüentemente são também triticultores.

4. Um dado fundamental, pode-se dizer estrutural, é a virtual inexistência de opções plausíveis para o cultivo de inverno. As demais lavouras recomendadas para a época são verdadeiramente insignificantes, em relação aos números do trigo, e não há como expandir seus mercados de um momento para o outro.

A propósito do item anterior, descartando-se o crescimento da chamada *safrinha* do milho e os problemas climáticos ocorridos este ano pode-se fazer uma comparação entre as situações dos diferentes cereais de inverno no Paraná, maior estado produtor. No caso do trigo, cujo plantio da área havia atingido 80% até 9 de junho, esperam-se 884 mil hectares cobertos com trigo e 47 mil hectares com triticale. No ano passado, foram plantados 1,024 milhão de hectares com trigo e produzidos 1,98 milhão de toneladas (para este ano, estima-se que a colheita seja de 1,65 milhão a 1,82 milhão de toneladas de trigo e 96 mil a 105 mil toneladas de triticale).

A Argentina permanece respondendo por quase 70% das importações brasileiras do trigo, seguida pelos EUA, com 17%, e pelo Canadá, com 12%.

De acordo com o Deral/PR, a área de cultivo, que se estima ser 14% menor do que a da safra de 1996, poderá ainda expandir-se um pouco, aproximando-se mais do resultado de um ano. Parece haver disposição para isso, mas as chuvas têm atrapalhado as operações no campo. No início do plantio, o problema era com a estiagem, notadamente no norte paranaense.

Os demais cereais, também devido aos problemas enfrentados pelo trigo, apresentam prognósticos de aumento da extensão cultivada. O melhor é o da aveia, com estimativa de área 32% maior (111 mil hectares agora, contra a 84 mil, em 1996) e produção entre 141 mil e 161 mil toneladas (foram obtidos 113 mil toneladas na safra anterior). A cevada deverá ter 29,5 mil hectares plantados, superando em 13% os 26 mil hectares de um ano antes. Como a produtividade física das lavouras foi elevada na safra anterior, alcançou-se colheita de 85,4 mil toneladas e para este ano espera-se que ela fique entre 75,7 mil e 79,7 mil toneladas.

Aliás, em linhas gerais, considera-se que também na triticultura o rendimento físico médio será inferior, pois deverão ser reduzidos os tratos culturais, tanto no Paraná, como no Rio Grande do Sul. Nesse último estado, a estimativa é de área 11% menor, caindo dos 568 mil hectares da safra passada, para 505 mil. O plantio, em meados de junho, alcançava cerca da metade da área total esperada.

Com a produção dessa safra calculada em torno de 2,5 milhões de toneladas, o país, evidentemente, permanece com destaque entre os importadores, em âmbito mundial. De agosto do ano passado até abril último, foram adquiridos no exterior 3,8 milhões de toneladas, 67% provenientes da Argentina, 17% dos EUA e 12% do Canadá (ver *Agroanalysis*, *17*(5), maio de 1997).

Como o consumo interno está praticamente estabilizado na faixa de 8,35 milhões de toneladas, após ter crescido rapidamente com o lançamento do

Trigo — oferta e demanda mundiais, 1997/98

Em milhões de toneladas

Região	Estoque inicial	Produção	Importação 1997/98[1]	Consumo total	Rações	Exportação	Estoque final
Mundo	110,13	578,82	112,02	94,12	573,48	111,52	115,47
EUA	12,53	62,99	2,45	6,80	34,02	27,90	15,75
Argentina	0,20	14,00	0,02	0,15	4,50	9,50	0,22
Austrália	2,08	18,50	0,03	2,10	4,40	14,00	2,60
Canadá	10,06	26,00	0,10	4,70	8,70	19,00	8,46
UE-15	14,91	97,85	17,41	39,22	83,06	31,23	15,89
China	23,83	114,00	3,50	3,70	114,00	0,20	25,83
Europa oriental	5,81	33,70	1,35	10,95	31,53	2,75	6,58
Ex-URSS [2]	7,28	68,17	6,13	19,64	68,27	4,85	8,46
Rússia	1,67	35,00	2,00	13,00	36,00	0,60	2,07
Casaquistão	1,77	8,50	0,00	1,05	5,10	3,00	2,17

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA, junho de 1997.
[1] Projeção.
[2] Ex-URSS, sem os países bálticos.

Plano Real, as importações deverão somar 5,8 milhões de toneladas, superando os 5,6 milhões de 1996.

O produto brasileiro estará um pouco menos pressionado pelo produto importado, em razão do fim das importações financiadas com menos de 360 dias. Os estoques são baixos. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), ficaram em 692 mil toneladas ao fim da safra 1996/97 e ficarão em pouco mais de 507 mil toneladas, ao final de 1997/98, o equivalente a aproximadamente três semanas de consumo.

Para o mercado mundial (ver tabela), o do Departamento de Agricultura dos EUA estima que a produção seja menor, de 587,83 milhões de toneladas, conforme é apresentado na seção Panorama Internacional, desta edição.

De acordo com a mesma fonte, o consumo internacional também deverá retrair-se, possivelmente levando a um mercado mais *calmo*, mais favorável aos importadores, junto aos quais o Brasil parece destinado a permanecer.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

FEIJÃO-PRETO

Americanos e argentinos de olho no Brasil

A lavoura de feijão-preto está em plena decadência. Isso chama a atenção dos exportadores estrangeiros, que percebem o fato como estímulo e aumentam a produção, de olho no Brasil. Este ano, deveremos gastar US$52 milhões em importações do produto, cujo total deverá ficar entre 70 e 90 mil toneladas.

O Brasil é de fato um país paradoxal. Com 500 milhões de hectares agricultáveis, radiação solar abundante e condições climáticas favoráveis, não consegue auto-abastecer-se de feijão-preto, mercado extremamente pequeno em relação ao dos demais grãos e de consumo altamente concentrado em termos geográficos.

Talvez seja por esta mesma razão que não conseguimos manter nossa auto-suficiência. Como o mercado de feijão-preto é restrito, os produtores rurais ficam temerosos de entrar num jogo de comercialização mais sensível a situações de sobreoferta. Outras razões contribuem para o desestímulo desses produtores: historicamente, o feijão-preto vem sendo um produto bastante vigiado pelo governo, devido a seu grande peso nos índices que medem a inflação (por muitos anos a inflação oficial do país tinha como base o IPC do Rio de Janeiro, estado que concentra parcela importante do consumo), e o tabelamento no varejo sempre afugentou os agricultores. Outro fator importante é que a safra é razoavelmente concentrada no tempo, gerando quase sempre pressão de venda